

REVISTA ADVENTISTA

«Até que todos cheguemos à unidade da Fé, ao conhecimento do Filho de Deus»

Aos Efésios, 4:13



Apêlo à Mocidade Cristã

E. G. WHITE



Perdoados te são os teus pecados

I. H. EVANS



*Será o cristianismo aceitável
pela Juventude?*

M. H. JENSEN



A família

Algumas afirmações interessantes



Deus ou movimento?

A. DIAS GOMES



Qual é o teu trabalho?

DR. A. W. TRUMAN



*Uma notável profecia sôbre
os Estados-Unidos*

U. SMITH



2\$50

Esclarecendo...

A
P
Ê
L
O
À
M
O
C
I
D
A
D
E

«Lembra-te que nunca subirás mais alto do que o nível que te propuseres! Coloca, pois, diante de ti, um alto ideal e, em se-

guida, degrau após degrau, mesmo através de penosos esforços, de abnegação, de sacrifícios, sobe tôda a escada do progresso. Não permitas que qualquer coisa te embarace nessa ascensão. Cristo há-de ser o teu auxílio constante no tempo da dificuldade. Permanece firme, como Daniel, o estadista crente, o rapaz que não se deixou corromper por nenhuma tentação!»

«Os estudantes serão tentados a fazer coisas contrárias aos regulamentos para se divertirem. Podem pensar que tais actos são meras brincadeiras. Mas se considerarem como sua honra pessoal não cometer tais actos e se compreenderem que tais brincadeiras não beneficiam ninguém e apenas podem dar-lhes dificuldades, bem como a terceiros, evitá-las-ão cuidadosamente. É muito mais viril e honroso agir cavalheirescamente, sem exigir que lhes seja concedida tôda a simpatia, colocando os poderes da vontade ao lado de Cristo e ajudando, com o seu trabalho, os seus professores a levar as perplexidades e pesadas cargas que Satanaz deseja tornar ainda mais acabrunhadoras. À medida que procurem aliviar tais responsabilidades em vez de as aumentar, ique grandes bênçãos não receberiam os alunos!»

«Cada jovem, cada criança, tem um trabalho a fazer para honra de Deus e progresso da humanidade. Por isso, cuidado especial se deveria prestar na educação da juventude. Devemos treinar a juventude de forma a criar missionários; devem ser auxiliados a perceber perfeitamente o que devem fazer para ser salvos. A verdadeira educação é o cultivo dos poderes físicos, mentais e morais para o cumprimento dos nossos deveres; é o treino do corpo, do espírito e da alma para o serviço divino. É esta a educação que resistirá até à vida eterna».

E. G. White (Escritos de várias obras)

CRISTÃ

Lealdade Espartana

Nos tempos antigos, as casas não eram construídas aqui e ali, através dos campos, mas concentravam-se em cidades, em geral erguidas nos cumes das serras. Em torno das cidades faziam-se muralhas, espessas e altas, com uma porta de acesso em cada face das mesmas. Os lavradores entravam das suas fainas agrícolas ao cair da tarde e as portas eram fechadas ao pôr-do-sol até ao outro dia de manhã. Assim se defendiam os homens dos criminosos e também dos exércitos invasores — criminosos de outra espécie.

O historiador Plutarco conta-nos que certo embaixador chegou à cidade de Esparta, vindo de côrte estrangeira, para conferenciar sôbre assuntos de interesse nacional. O rei mostrou-lhe a sua cidade. O embaixador, sabendo que o rei de Esparta era ao mesmo tempo o senhor incontestado da Grécia, pensara encontrá-lo numa cidade rodeada de espessas muralhas, com ameias e tôrres guarnecidas de soldados escolhidos. Qual não foi a sua surpresa quando nada disso encontrou! Não pôde calar-se e disse ao rei: «Senhor! Tenho visitaço algumas das vossas cidades principais e não percebo porque não têm elas muralhas!»

— «Talvez o senhor embaixador não tivesse reparado bem! Amanhã vou mostrar-lhe as muralhas das minhas cidades».

Na manhã seguinte, o rei levou o embaixador para um campo fora da capital onde um corpo de exército estava alinhado em pé-de-guerra. Apontando para aquêlo agrupamento de cidadãos espartanos, o rei disse: «Eis as muralhas espartanas — dez mil homens e cada um dêles vale mais do que um simples tijolo». O embaixador compreendeu que Esparta contava na sua defesa, não com muralhas impassíveis de tijolo ou pedra, mas com milhares de homens leais, heróicos, indomáveis. E assim era.

Diz-se que o rei de Esparta, quando marchava para a batalha, tinha junto de si alguns espartanos que tivessem sido coroados vencedores nos Jogos Olímpicos. Uma vez ofereceram a certo espartano uma soma enorme de dinheiro para desistir de concorrer no jôgo. Não aceitou a proposta mas só depois de esforços indizíveis é que alcançou a vitória. Quando lhe fizeram ver que melhor teria sido receber aquela avultada soma, sem dispêndio de energia, do que um ordinário ramo de oliveira, respondeu com altivez: «Mas é que terei a honra de combater à frente dos exércitos do meu Rei».

Bela resposta esta e que não ficaria mal na bôca da Juventude Cristã a quem Deus diz na Sua Palavra:

«Milita a boa milícia da fé e toma posse da vida eterna» (I *Tim.*, 6:12).

Se és novo ainda, leitor, lembra-te que poderás obter a suprema honra de servir o «Rei dos reis» em postos de mais elevada responsabilidade, se te esforçares nas lutas contra os teus maus hábitos, de tôda a espécie. É nesse Jôgo Olímpico moral que aprenderás praticamente esta lição:

«Levantar-se em defesa da Verdade e da Justiça, quando todos nos abandonem; combater as batalhas do Senhor quando sejam poucos os campeões — será êsse o nosso pergaminho de fidalguia» (*Test.*, vol. I, pág. 136).

PERDOADOS TE SÃO OS TEUS PECADOS

Por I. H. EVANS

Muitos cristãos estão perplexos e ansiosos porque temem que os seus pecados cometidos antes de professar a fé não foram convenientemente confessados ou que alguns pecados cometidos depois de abraçar o apêlo de Deus ainda estejam escritos contra eles nos livros do céu. Este sentimento de medo causa profunda ansiedade e leva-os a duvidar que sejam aceites por Deus mesmo pertencendo à Igreja.

Talvez esta dúvida acêrca do perdão seja a maior causa de perturbação na mente cristã. Muitos que afirmam acreditar em Deus vivem sem a Sua paz no coração. Dizia certo homem numa igreja: «Ajude-me a crer que sou filho de Deus e tenho o perdão dos meus pecados e serei o homem mais feliz do mundo!»

Ninguém deveria receber o bap-



«Perdoa-nos, Senhor, as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores»

tismo sem que tivesse assentado no seu espírito que obedecerá completamente a todos os mandamentos de Deus. Deve estar certo de ter recebido um novo coração no qual está escrita a Lei de Deus. Deve render, subordinar ao Senhor e completamente — corpo, alma e espírito. Deverá ter a certeza de que os seus pecados foram todos confessados e apagados pelo sangue remidor de Jesus. Todo êste trabalho deve ser feito com alegria, boa-vontade pelo amor de Cristo. Com segurança, então, a pessoa que faça esta rendição completa tem o direito de acreditar que todos os seus pecados passados estão perdoados e considerar cumprida, na sua própria experiência, aquela promessa:

«Se confessarmos os nossos pecados Êle é fiel e justo para nos perdoar os nossos pecados e limpar-nos de tôda a iniquidade» (1 João, 1:9). Esta segurança deve ser partilhada por cada convertido antes do seu baptismo.

O perdão é alguma coisa que a Igreja, como organização, não pode dar e que também não pode ser adquirida pelas obras. Nenhum ministro religioso pode conferi-lo. A ciência ainda nada descobriu que possa limpar a alma do pecado. O profeta Jeremias declarou: «Ainda que te laves com salitre e montões de sabão a tua iniquidade estará gravada diante de mim, diz o Senhor Jeová» (Jeremias, 2:22). O perdão é dom de Deus. É conferido gratuitamente a todo o pecador arrependido.

¿De que depende, pois, o perdão? Nós não podemos ver Deus. Em relação à nossa visão corpórea, Êle é invisível. Também não nos fala em voz audível. Nenhuma mensagem chega a nós oralmente vinda de Deus. Cristo não quiere dizer-nos por palavras faladas que os nossos pecados estão perdoados. Êle nunca nos mandou dizer directamente ou por intermédio de qualquer homem que fôsse o Seu porta-voz que os nossos sentimentos são sinal do Seu

DISSE JESUS

S. Mateus, 9:2



«O sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, nos purifica de todo o pecado»

(1 João, 1:7)

perdão. Quando vos sentis deprimidos e desanimados podeis pensar que Deus não vos ama. Mas não deveis confiar nesses vossos sentimentos. São transitórios e variáveis.

Durante as idades passadas, o Senhor revelou a Sua vontade através dos santos homens cujas palavras escritas foram inspiradas pelo Espírito Santo. Os seus escritos foram-nos preservados nas Sagradas Escrituras que nos dizem como podemos saber que fomos lavados e regenerados e recebemos perdão de todos os nossos pecados. O que êles dizem é verdade e nunca mudará.

Preguntarão: ¿como sabemos que fomos perdoados? A resposta é clara e directa: «Se confessarmos os nossos pecados, Êle é fiel e justo para nos perdoar os nossos pecados e limpar-nos de tôda a iniquidade» (1 João, 1:9). Devemos aceitar esta promessa e considerá-la como nossa. Devemos examinar os nossos corações e saber de certeza que cumprimos a Palavra de Deus.

(Conclui na página 11)

Será o cristianismo

aceitável

De visita a seu tio lavrador, um rapaz foi ao curral ver os animais. Lá se encontrava uma velha mula, de orelhas caídas, olhares tristonhos, focinho comprido, com o aspecto de quem perdera o último amigo no mundo. Depois de olhar durante algum tempo para aquela velha mula, o garoto exclamou: «¡Palavra que esta velha mula se parece com uma cristã!»

Infelizmente, muitos jovens de ambos os sexos crescem com a idéia que o Cristianismo só serve para dar às pessoas faces tristonhas e carrancudas, numa palavra, o aspecto de gente que perdeu todo o interesse na vida. O diabo, êsse pai das mentiras, foi o artista que pintou tal quadro sôbre o cristianismo e, conseqüentemente, êle não poderia estar mais longe da verdade do que está. ¡Não há nenhuma pessoa na Terra que possa ter melhores perspectivas na vida do que o cristão! Foi Deus quem ensinou aos Seus filhos a sorrir, a rir, a recriar-se, a gozar com inocência, a divertir-se sem prejuizo. Tanto foi Êle quem deu êsses sentimentos ao homem que os encontramos em todos os seres humanos nos primeiros períodos da sua vida.

Quando Deus criou aquêlê lindo casal no Jardim do Édem não havia tristezas e tudo era prazer. Quando Cristo nasceu, naquela noite os Anjos disseram aos pastores: «Eis que vos trazemos novas de grande alegria que será para todo o povo». ¿Quem pois faria da tristeza símbolo e evidência de Cristianismo? O facto de qualquer pessoa estar triste não prova de modo nenhum que seja um pio e devotado cristão. O trabalho de Cristo foi justamente dar alegria e satisfação por tôda a parte por onde passasse. As crianças amavam Jesus. Gostavam de estar na Sua presença. Com tôda a certeza êste facto não se teria dado se Cristo tivesse aspecto sombrio e tristonho. É absolutamente certo que qualquer individuo tristonho e sombrio pode atrair a simpatia de algumas pessoas mas também que nunca poderá atrair crianças. A

¿ Poderão os Moços ser cristãos e felizes?

por M. H. JENSEN

idéia, portanto, de que precisamos ter o rosto comprido de tristeza para ser cristãos está fora da verdade e que o contrário é a verdade.

Ainda há também pessoas que julgam ser a Fé Cristã um conjunto de proibições, de «não faças isto, não faças aquilo». Se fizerdes as coisas de que não gostais e não fizerdes as coisas que gostais, então sereis bons cristãos, dizem muitas pessoas. Parece que pensam não ser possível haver prazer na vida cristã para um jovem rapaz ou rapariga filho dêste Século XX. Parece que tais pessoas julgam que a religião só estaria adaptada para os velhos dias dos séculos passados quando não havia muitas mais coisas a fazer do que ir à Igreja e ter apa-

rências de bondade. Segundo as concepções de tais pessoas, a religião cristã só é boa para as pessoas velhas mas não para a Juventude de sangue vermelho dos nossos dias. Insistem constantemente que não se pode ser cristão e ter momentos de recreio, de divertimento, de alegria.

Mas Deus nunca nos pede que deixemos de fazer qualquer coisa a não ser quando ela prejudique a nossa vida ou o nosso carácter. Tudo o resto nos é permitido e todos os jovens compreenderão que não devemos fazer qualquer coisa que possa prejudicar e destruir a bênção da saúde e de um carácter nobre. Se nos habituarmos a encontrar alegria no álcool, no jôgo, na imoralidade de diversas espécies, compreende-se que não só o Cristianismo mas a própria Sociedade não-cristã nos dirá logo: NÃO. Alguns jovens actuais podem insistir na idéia de que prazeres inocentes são demasiado insípidos para encontrar nêles qualquer satisfação. Tudo isso depende muito da maneira como cultivamos as nossas afeições. Está escrito nas Sagradas Escrituras: «Os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas afeições e lascívias» (Gálatas, 5:24). Essa força misteriosa, intangível, inexplicável que se chama afeição tem maneiras poderosas e efectivas de agir. Tem processos de nos causar prazer em coisas que, para muitas pessoas, são insípidas. Realmente pessoas de certa idade e que deturpam os seus gostos nas coisas más da vida necessitam



A mocidade só será feliz quando encarar a vida pelo prisma cristão

pela

JUVENTUDE?

(Leia êste artigo e passe a revista a qualquer jovem seu conhecido)

de um poder superior, divino, para corrigir os seus gostos. Daí a necessidade simples que a Juventude tem em manter sempre no frescor da sua pujante infância todos os gostos sadios que a Natureza lhes concedeu.

Quando eu era rapaz, na quinta de meu Pai tinha por obrigação levar água para a cozinha. Ninguém era capaz de me convencer que pudesse existir qualquer prazer naquela tarefa. Odiava e maldizia tal trabalho. Mas um dia recebemos a visita de uma senhora já idosa e aconteceu que a encontrei junto do poço. Nem sequer ela teve tempo de me pedir que tirasse água para beber. Antecipei-me aos seus desejos. Foi o primeiro momento na minha vida em que senti um prazer

inefável em tirar água do poço! Pareceu-me que poderia estar a tirar água daquele poço desde a manhã até à noite. ¿Por que razão houve esta mutação de idéias? ¿Como explicar que aquêlê acto que até ali só me tinha causado tédio se tornou, repentinamente, um grande prazer e alegria na vida? Por certo que o presado leitor vai abrir a bôca naquele seu costumado e bondoso sorriso e dirá: «Fácil é responder: foi o resultado da amizade». É essa a explicação.

Assim é a vida Cristã. Quando uma pessoa teima em dizer que não poderá retirar-se prazer de certos tipos de divertimentos, está a falar àcêrca de uma coisa que não conhece. Tudo isso dependerá da amizade, da afeição e do centro

para que elas tendam. A pessoa que teve uma clara visão de Cristo e chegue a ganhar sincera amizade por Êle só sentirá um prazer real em fazer o que Êle faria se estivesse em seu lugar. Nessas condições, qualquer pessoa sente repugnância em malbaratar os momentos preciosos da sua vida na jogatina, nos clubes nocturnos e em tantas coisas más e prejudiciais que parece darem muito prazer a muitas pessoas.

Se houver alguém ainda a pôr em dúvida que a Mocidade seja feliz na vida Cristã queira visitar uma escola cristã. Observe então êsses vigorosos e sanguíneos rapazes de vinte anos, essas raparigas robustas e cheias de sonho, ouça-os falar com entusiasmo, energia, alegria, trocar entre si ditos honestos de pilhéria inocente e veja-os brincar e divertir-se com jogos saudáveis e honestos. Preguntai-lhes se são felizes... Certamente que o são.

Ser cristão apenas significa ser semelhante a Cristo, procurando fazer sempre o Bem e evitando o Mal.

HEROICIDADE

— «¡O vosso filho é, então, um Médico Adventista!»—exclamou um soldado americano chegado recentemente do campo de batalha do Sudoeste do Pacífico. A conversação passa-se numa visita feita por êste a certo lar adventista no Maryland.

É o soldado continuou:

— «¡Em tôda a minha vida só conheci um médico adventista! Perencia ao meu batalhão de combate. Chamávamos-lhe o *Slim*. Era um rapaz sério e ponderado, de uns vinte anos. Parecia-me um tanto franzino, mas tanto eu como o resto

da «malta» verificámos que, debaixo do fogo, Slim tinha a coragem de um leão.

«Vou contar-lhes um episódio. Os nossos oficiais tinham alinhado os seus homens na orla do grande caminho. Com as instruções finais foram dadas armas especiais e munições. O oficial disse ao médico

Ext. da REVIEW AND HERALD
2 DE NOVEMBRO DE 1944

Slim que pegasse num revólver e num cinto de munições.

— «Senhor, disse o Slim, ¿não poderei levar antes o meu stick?»
O oficial olhou surpreso.

— «Sem armas, você aumenta escusadamente o risco de vida».

«O Slim ficou um pouco pálido, mas acrescentou com convicção:

— «Senhor, Jesus é o meu amparo no perigo. Prefiro levar comigo o stick».

«O oficial não persistiu no seu pedido. Todos os homens no grupo pensaram que o Slim era doido em avançar desarmado.

«Lá fomos para o combate. Slim tomou o seu lugar entre os outros três médicos que estavam bem armados. Era exquísito ver o Slim com o seu stick na mão, enquanto os outros no grupo levavam os seus

(CONCLUI NA PÁGINA 13)

CRISTÃ

A FAMÍLIA



ALGUMAS AFIRMAÇÕES

Impõe-se a educação familiar da Juventude

«Virá a época na vida de cada jovem, rapaz ou rapariga, em que, levados pelo natural impulso, por condições económicas ou até por sugestões de terceiros, têm de encarar o problema de assumir as responsabilidades da vida familiar. Em muitos casos, o impulso é tão forte que se tornam impossíveis as considerações de ordem racional requeridas por tão magno problema. A não ser que os Jovens em questão tenham tido a prévia oportunidade de estudar o assunto, serão as vítimas do seu próprio impulso para bem ou para mal. Não queremos dizer com estas palavras que se devam realizar casamentos onde não haja nenhum impulso de um para o outro, nem que tal impulso não deva ser forte mas, em assuntos que tanta felicidade e tanta desgraça podem trazer aos indivíduos, nada mais será para desejar do que influenciar esse impulso por factos anteriormente adquiridos, de forma a conduzir o impulso natural a uma decisão inteligente. Não seria prudente nem aconselhável principiar uma viagem sem primeiro conhecer o destino, sem primeiro de antemão as condições a defrontar pelo caminho. Também não é aconselhável empatar capitais sem

INTERESSANTES

Coisas fundamentais para um casamento bem sucedido

«Ainda não há muito tempo, ouvi dizer a um notável pregador numa das suas homilias, que não eram mais de 20% os casamentos felizes mas que 75% poderiam ser felizes se metade do esforço e do estudo empenhados nos negócios, nos desportos, na lida doméstica, fôsse aplicada a fazer do casamento um êxito verdadeiro... Muitas vezes somos levados a pensar que, num lar onde os dois cônjugues procuram sincera e inteligentemente viver de harmonia um com o outro, tolerando as opiniões e idiossincrasias um do outro, haveria mais sólida harmonia construída sobre contrastes e tonalidades diversas que, no final, dariam mais beleza ao lar, do que no caso dos dois cônjugues serem apàticamente harmónicos sem necessidade de se pôrem de acôrdo um com o outro, de vez em quando».

Dr. M. J. Exner, consultor da American Social Hygiene Ass.

As possibilidades do casamento

«As conseqüências sociais e pessoais da negligência na educação social são imensas e trágicas. A medida de qualquer capacidade para o Bem é também a sua medida para o Mal.

Enquanto, por um lado, a vida de relação no casamento dá ao homem e à mulher a possibilidade para um maior desenvolvimento e felicidade suprema, também pelo outro — que é o seu lado pior — ambos podem encontrar no casamento a mais completa desintegração da personalidade e a maior medida de espanto e miséria. Esta capacidade do casamento para o bem supremo, por um lado, ou para o mal supremo, por outro lado, torna de vital importância a educação inteligente dos indivíduos antes de dar tal passo».

Maria L. Langworthy, Presidente do Congresso de Pais e Professores nos Estados-Unidos.

primeiro considerar as possibilidades de êxito e de recuperar os mesmos. ¿E como poderão pessoas inteligentes iniciar uma viagem para tôda a vida sem primeiro considerar os seus problemas? ¿Como poderão empatar as suas vidas numa aliança quando uma pequena reflexão lhes mostraria que ela terminará na bancarrota? Umaz vezes a ignorância, outras vezes a falsa modéstia e não poucas vezes a paixão sem freios são responsáveis pelo desprezo da razão e o predomínio dos sentimentos».

«Home and Family», págs. 386-387.

Os principais objectivos do casamento

«A afeição doméstica é a principal fonte do bem-estar e da felicidade humana. O mútuo amor entre marido e mulher, entre pais e filhos, entre irmãos e irmãs, são as prin-

(Conclui na página 13)



LEIAM E PONDEREM

O casamento e a permanência na Fé

A nossa Denominação apresenta os resultados seguintes em 756 casamentos cujos efeitos foram devidamente examinados:

756 casamentos	417 (55 %)	realizados entre dois cônjuges crentes	396 (95 %)	Permaneceram crentes
			21 (5 %)	
	339 (45 %)	realizados entre dois cônjuges um dos quais incrédulo ou de ou- tra fé	197 (58 %)	Permaneceram crentes
			142 (42 %)	

Influência da Educação e baptismo na Juventude

As estatísticas denominacionais apontam os 15 anos como sendo a idade crítica da Juventude no tocante ao baptismo e aceitação da Fé. A percentagem de Jovens que se perdem no mundo da indiferença, quando não sejam trabalhados até aos 15 anos, é elevadíssima — 63 %. Isto é, em 100 Jovens que não tenham feito a sua decisão até aos 15 anos, 68 perderam-se. Acreditamos que seja valiosa esta indicação para Pais, Educadores, Ministros, em geral.

¿ Seria aconselhável abordar crianças sobre a sua conversão?

«As crianças de oito, dez e onze anos têm idade suficiente para serem abordadas sobre assuntos de religião pessoal. Não ensinem os vossos filhos com mira em alguma época futura, quando forem assás velhos para se arrependem e acreditarem na verdade. Se forem bem instruídas, crianças muito tenras podem ter idéias correctas do seu estado como pecadoras e da maneira como se podem salvar por Cristo».

(TEST. I, pág. 400)

A determinação no Bem

«Lembremo-nos sempre que os desastres morais não provêm da falta de proceder correctamente ou de fazer todo o Bem que podíamos, mas da prontidão em nos levantarmos da derrota e tentarmos nova experiência. As nossas fibras morais começam a desintegrar-se quando perdemos a vontade de fazer novas resoluções e já não queremos mais dias de decisão».

F. CLARK

A maior decisão na Vida

É a determinação do pôrto de destino para a nossa vida. Nunca compreenderemos qual seja o verdadeiro êxito enquanto cada um não se proponha o objectivo da sua vida individual. E qual seja êsse objectivo, dependerá quasi exclusivamente da religião individual. As decisões fundamentais da vida são largamente o produto das qualidades espirituais.

¿ Qual será o pior hábito?

Difícil é responder. Não são poucos os que apontam a indecisão como o hábito mais funesto e difícil de vencer. A fraca vontade, enfraquece toda a nossa vida. «O fraco rei», dizia Camões, «faz fraca a forte gente». Quando tivermos a certeza de que certo acto é bom e necessário, façamo-lo logo, porque quanto mais tempo levarmos mais difícil êle se tornará. Sobretudo, perdem a vida eterna e a verdadeira vida terrestre os que hesitam em aceitar Cristo e o Seu Evangelho. Decidir-se a seguir Cristo é decidir-se em favor da verdadeira fortuna, da paz, da felicidade possível, dos amigos sinceros, da vida eterna. Como será possível hesitar?

Os cinco grandes pilares da civilização

São: govêrno, educação, religião, comércio, lar. Quando êstes estão sólidamente estabelecidos sobre seguros princípios espirituais, também a superestrutura que nêles repousar permanecerá segura. Uma tal civilização é próspera, saudável, rica, na mais verdadeira e durável significação dêstes têrmos.

DEUS OU MOVIMENTO?

A segunda linha de defesa da irreligiosidade é a teoria segundo a qual o movimento é eterno. Em livro que teve a sua voga em Portugal e na Europa, Luís Buchner afirmava, no começo d'êste século:

«O movimento deve ser considerado como propriedade eterna da matéria da qual é inseparável...»

«A eternidade do movimento e a necessidade da sua existência foram postas em axioma pelos antigos filósofos gregos...»

«A matéria e o movimento são eternos...»

«A ciência moderna da natureza não pode deixar de dar o seu assentimento a esta doutrina.»

(*Fôrça e Matéria*, L. Buchner, págs. 62-71, ed. 1914)

O movimento e um ilustre filósofo grego Já que o nosso autor proclama que os antigos filósofos gregos estudaram o movimento, parece-nos pertinente relembrar as notáveis conclusões a que chegou Aristóteles, o muito afamado professor do grande Alexandre, conquistador do império Persa. Amigo como era de silogismos dizia êle assim:

1.º Silogismo: «Tudo quanto existe em movimento é movido por um motor diferente do corpo movido. (Isto é: não se move por si-mesmo).

«Ora aos nossos olhos mostram-se corpos em movimento.

«Logo: existe alguma coisa que move tudo quanto vemos mover-se».

2.º Silogismo: «Não pode existir uma série infinita de motores. (Isto é: vimos atrás que existe o primeiro-motor).

«Ora êsse motor não seria o primeiro se estivesse em movimento. (Pela maior do silogismo anterior).

«Logo: existe o primeiro motor imóvel. (Isto é: o primeiro motor é imutável, nada o pode fazer mudar de posição ou estado).

É natural que surjam dúvidas sôbre a veracidade destas afirmações e, por isso, sôbre a conclusão inexorável da existência do primeiro-motor-imóvel — Deus.

¿Pois então um automóvel não se move a si-mesmo como indica a palavra? ¿Pois uma locomotiva não anda por si? ¡Ao menos tudo parece indicar que os seres humanos e os animais são senhores dos seus movimentos! Aristóteles, porém, responderia:

«Puro engano, amigo. Não meta gasolina no automóvel e veja se êle é capaz de andar. Só se o empurrar por uma ladeira abaixo e, mesmo assim, será a fôrça da gravidade quem lhe comunica movimento. Não meta água e carvão na locomotiva e veja se ela se meche. E quanto aos animais não lhes dê de comer. Lembre-se que o Gandi, após escassos 20 dias de jejum, mal podia mover os lábios».

Portanto o grande Aristóteles tinha razão e nada nos pode admirar que o seu pupilo Alexandre da Grécia mostrasse diante dos Sacerdotes Judeus, em Jerusalém, aquêle respeito de que fala o historiador Flávio José, na crença de que Deus lhe indicara em sonho ser o Sumo-sacerdote digno de acatamento pelos princípios verdadeiros que representava.

O Movimento em Física As premissas daquêle silogismo aristotílico passaram por cautelosas investigações científicas, cuja história resumida vamos descrever:

1.º Facto — Qualquer simples mortal, sem veleidades científicas, sabe muito bem que o trabalho provém do deslocamento de corpos produzido pela acção de fôrças. O trabalho é o resultado de movimentos de fôrças ou, em termos científicos, «o trabalho é igual ao produto de uma fôrça pelo deslocamento do seu ponto de aplicação e pelo cosseno do ângulo que a fôrça faz com a direcção do deslocamento». Mais resumidamente: o movimento e o trabalho estão relacionados de tal maneira que um é igual ao outro, vezes um coeficiente de proporcionalidade. Podemos, pois, substituir nos nossos raciocínios o movimento pelo trabalho.

2.º Facto — Também, desde sempre, todos os doutos e indoutos verificaram que, nos momentos de frio, friccionar as mãos ou bater com os pés no chão, gera calor. O trabalho ou movimento andam relacionados com o calor. Sempre que se perde calor, produz-se trabalho, como por exemplo nas máquinas a vapor. Sempre que se dispende trabalho produz-se calor, como no vulgar esfregar das mãos.

Depois desta relação estabelecida entre trabalho (ou movimento) e calor, lá chegou o tempo em que se determinou experimentalmente o coeficiente de proporcionalidade entre estas duas quantidades: a) equivalente mecânico da caloria é igual a 4,18 joules; b) equivalente térmico do joule igual a $\frac{1}{4,18} = 0,24$. Estava assim estabelecido matematicamente o *Princípio da Equivalência*.

3.º Facto — Quando se inventaram as primeiras máquinas térmicas, alguns engenheiros começaram a estudar os aperfeiçoamentos necessários a que se obtivessem maiores rendimentos do que os obtidos até então. Carnot chegou a interessantes conclusões. Como sabemos, o trabalho produzido por qualquer máquina depende do trabalho que lhe é comunicado pela caldeira, isto é,

$$R = \frac{t}{q. c.} = \frac{\text{Trabalho Produzido pela Máquina}}{\text{Trabalho Fornecido pela Caldeira à Máquina}} = \text{Rendimento.}$$

Carnot chegou às conclusões de que tal rendimento é independente do veículo de calor, dependendo apenas das temperaturas extremas da caldeira e do refrigerante e de outra circunstância a que chamou «ciclo reversível».

Se o trabalho produzido pela máquina Térmica depende dessas temperaturas extremas, podemos escrever $t = T_1 - T_2$

Por sua vez do Princípio da Equivalência já sabemos que $q = T_1$

E daí

$$\text{Rendimento} = \frac{t}{e \cdot q} = \frac{T_1 - T_2}{T_1}$$

$$R = \frac{T_1 - T_2}{T_1} = 1 - \frac{T_2}{T_1}$$

E como será sempre $T_2 < T_1$ logo teremos sempre $R < 1$, isto é, rendimento menor do que a unidade: nunca poderemos obter uma máquina que dê tanto trabalho como aquele que lhe foi fornecido sob a forma de calor. Teoricamente parece que aumentando a diferença $T_1 - T_2$ aumentaríamos o rendimento e assim seria mas, por infelicidade, somos seres de possibilidades limitadas e nem podemos obter temperaturas industriais muito elevadas nem muito baixas. Os -273° , como sabem todos, já é temperatura ideal.

4.º Facto — Degradação de Energia. Não podemos mudar integralmente qualquer quantidade de calor em trabalho. Sejam quais forem os aperfeiçoamentos das máquinas térmicas, nunca poderemos transformar integralmente em trabalho, em energia actual ou cinética, qualquer quantidade de calor. Praticamente só obteremos uns 0,20 da energia calorífica dispendida. Três quartas partes do calor perderam o seu valor. Poderemos, sim, transformar o trabalho, a energia, totalmente em calor.

Se quiséssemos guardar cem escudos de forma a ter a máxima quantia de dinheiro daqui a duzentos anos, não os guardaríamos em papel mas em prata ou ouro, não é assim? Porquê? Porque o papel perderá de certeza o seu valor e o metal, embora oscile, não o perderá totalmente. O papel degrada-se; com ouro na mão sempre poderemos obter dinheiro sob qualquer aspecto e com papel poderemos, às vezes, acender o lume com êle. Com energia potencial ou cinética, com trabalho em suma, sempre poderemos obter calor; mas com calor nem sempre poderemos obter trabalho e quando o obtivermos será em quantidade e qualidade diminuídas. O calor é energia degradada.

Conclusões científicas Demos agora a palavra aos cientistas:

«De todas as formas de energia a mais degradada é o calor. Os corpos arrefecem por si-mesmos. O calor passa espontaneamente de um corpo quente para um corpo frio e nunca sobe de um corpo frio para um corpo quente, sem acção de uma fonte de energia exterior aos corpos. Como os corpos transformam tanta mais quantidade de calor em trabalho quanto mais alta é a temperatura a que se encontram, este poder de transformação de calor em trabalho (a entropia dos corpos), diminui espontaneamente com o seu arrefecimento também espontâneo. A forma calorífica da energia degrada-se a si-mesma».

(A. Turpin, *Tratado de Física*)

«A energia calorífica é uma forma de energia mais degradada que a energia cinética ou trabalho; considerando, pois, as formas ou modos de energia, cinética, eléctrica e calorífica, vê-se que a última é a mais degradada».

(General Almeida Lima, lente de Física na Faculdade de Ciências de Lisboa, *fôlhas do Curso de Física de 1925*)

«Todas as formas conhecidas de energia tendem, como o trabalho, a transformar-se espontaneamente em calor, o que as apresenta como energias superiores à energia calorífica que será uma forma degradada da energia, entendendo-se por degradação a menor capacidade de transformação nas outras formas de energia. As várias formas de energia tendem espontaneamente a degradar-se, transformando-se em calor e este mesmo se degrada, tendendo a diminuir de temperatura, crescendo a sua Entropia e diminuindo a capacidade de ser utilizado na produção de trabalho ou outra forma de energia.

«Considerando o sistema Universo, a sua energia, embora conserve um valor constante, apresentar-se-á toda, ao fim de período certamente largo, sob a forma de energia calorífica, tendo por toda a parte a mesma temperatura e sendo, por conseguinte, insusceptível de qualquer transformação. O Universo ter-se-á paralizado, não por falta de energia, mas por falta de energia utilizável para a produção de qualquer fenómeno. Tudo se terá reduzido a uma Entropia máxima com uma temperatura mínima».

(Prof. Dr. Cirilo Soares, Lente de Física na Faculdade de Ciências de Lisboa, *Curso de 1939*)

As nossas conclusões Podiam nem sequer ser emitidas.

Mas, como vimos, temos a seguinte marcha do Universo:

Energia Luminosa	} Produzem Movimento	} Trabalho → Produz Calor → Que se degrada espontaneamente → Até chegar ao fim do movimento → ao Repouso Absoluto.
» Eléctrica		
» Sonora		
» Potencial		
» Cinética		

E se o movimento actual está condenado a findar no repouso absoluto não é eterno. Teve um princípio. Se ainda não acabou é que ainda não passou o tempo finito, mesmo muito grande, dentro do qual termina a sua marcha para o nirvana.

Tinha razão Aristóteles: o movimento actual exige o primeiro Motor — Deus.

A. DIAS GOMES

ALGUNS apontamentos

O jogo nos Estados-Unidos

«Vai-se tornando um sério problema. Sob diversos aspectos, aumenta assustadoramente. Disse certo escritor: o jogo parece precipitar todos os talentos de roubo existentes na alma humana.

Martin Mooney no seu artigo «The numbers racket» na *Liberty* de 27 de Julho de 1935, disse: «Os jogos de lotarias movimentam, cada hora, em cada grande cidade da Terra uns 25 contos. Só em Nova-Iorque, em cada hora, movimentam 50.000 contos... As probabilidades de ganho são de um contra mil, a favor do jogador, isto é, há mil probabilidades que não ganhará nada e só uma de ganhar alguma coisa... Em Nova-Iorque, tem havido muitos dias seguidos em que nem um só bilhete sai premiado. Todo o dinheiro gasto pelos nova-iorquianos representa ganho total para as instituições emissoras.

Devemos avisar a Juventude e as Famílias contra o vício do jogo nas suas diversas modalidades».

ALFREDO PETERSON Director da Juv. da C. G. dos Adventistas

¿ Quem são os principais professores no jogo, para a Juventude? Os pais?

«Poucos pais se dão conta até que ponto o jogo constitui a tentação predominante na vida dos rapazes e raparigas. É o resultado inevitável da louca inclinação para toda a espécie de jogo que, nos últimos anos, tem inundado este país como nunca antes...

«Crianças e adultos têm vivido sob a fantástica influência daquela Fada capaz de lançar nas algibeiras qualquer coisa como 25.000 contos para o que bastará apenas dar uns 70 escudos por um bocado de papel representativo do seu favor. Tudo isto carece de uma credulidade infantil... Se as mentes adultas são capazes de pôr de lado o senso-comum para aceitar uma tal credulidade, ¿ que poderemos nós dizer das crianças quando muitas delas têm constantemente diante dos seus olhos o exemplo de seus pais à espera da «sorte»? «Está geralmente aceito em criminalogia que toda a espécie de jogo em que entre dinheiro aumenta a delinqüência infantil. São muito comuns os casos em que as crianças roubam outras crianças ou seus pais com o fim de obter dinheiro para jogar, sempre na idéia de terem «sorte» e ganhar o bastante que lhes permita recuperar as perdas anteriores e repor o dinheiro subtraído. «O jogo é o rei de todos os vícios. É o mais difícil de vencer entre todos os maus hábitos, logo que esteja bem enraizado na mente humana. Produz terríveis tensões internas através do medo. Quando o jogador tem a «sorte» de ganhar, o jogo dá-lhe certas emoções esquisitas e leva-o para os extremos provenientes de uma segurança venturosa. Levanta, pois, mais do que qualquer outro vício, uma grande variedade de emoções: cobiça, avareza, ciúme, raiva, ódio, crueldade, assassinato e superstição. A fascinação de todo o jogo, mesmo dos inocentes, jaz na animalidade mais ou menos existente no ser humano. Produz uma sensação de vida intensa e rápida.

«O jogo tem multiforme actuação na mente humana.

Por exemplo: excita o instinto de posse no jogador com a perspectiva de adquirir dinheiro sem esforço — sem dar à sociedade alguma coisa equivalente. O desejo de obter qualquer coisa sem esforço é infantil e muito arraigado na mente. O jogo pode levar o adulto à atitude infantil e fixá-lo nela.

«Enche o jogador de medo de perder o que já tinha. Dá-lhe uma tremenda sensação de ansiedade.

«Leva o jogador feliz à superioridade egoísta capaz de humilhar e dominar os outros.

«Outro aspecto interessante do jogo é a sua acção sobre o instinto religioso. É uma verdadeira adoração ao grande Deus Sorte. Todo o jogador acredita na sua «sorte» e é supersticioso. Quando ganha, está sob a protecção de um poder invisível e amigo e sente-se seguro. Dá-lhe a sensação doentia de certeza no mundo de incerteza. Quando perde é que o seu deus o abandonou e está inclinado ao desalento. Tem de continuar a jogar até voltar ao favor dos seus «deuses».

«A melhor salvaguarda que as crianças podem ter contra o jogo ou qualquer mau hábito é o exemplo de pais cujas práticas sejam sãs e sinceras».

NAINNERIGHT EVANS No Parents Magazine, Março de 1937

¿ Que dizer do jogo das cartas?

«A primeira e mais simples objecção contra o jogo das cartas é... o facto de ser um jogo de «sorte» que dá proeminência à sorte como grande elemento de êxito ou insucesso. Uma das mais importantes verdades práticas a imprimir na mente da juventude é que ela depende — abaixo de Deus — dos seus esforços honestos para singrar e subir na vida. Uma das mais injuriosas idéias — além de fatal — na mente juvenil é que o factor sorte é que prepondera na vida e que ele pode ter ou não ter sorte em relação aos seus semelhantes. Dificilmente se poderá encontrar pensamento mais fértil de conseqüências, em todos os assuntos da vida pessoal, do que qualquer dos dois seguintes: 1.º — O meu êxito na vida dependerá de Deus e dos meus esforços; 2.º — O meu êxito dependerá apenas do factor sorte. Perante a magnitude de qualquer destes dois princípios compreendemos a vantagem que os pais têm de educar os filhos de harmonia com o primeiro princípio e, para isso, convém que tendam os jogos e conversações, bem como todo o estudo e trabalho.

«Há jogos de azar ou «sorte» que muito ajudam os filhos no mau caminho; nenhum, porém, se compara em proeminência e popularidade, no círculo familiar, como o das cartas. Durante séculos, o jogo das cartas tem sido a principal agência de treino infantil quanto à «sorte» influenciadora da vida.

«Desde os primeiros tempos da vida, as crianças aprendem, de todas as suas brincadeiras, que o sucesso depende do cuidado e perícia. As cartas e outros dão-lhes a idéia do factor «sorte». Conseqüentemente, na medida em que se dedicam a jogos de destreza ou às cartas, assim cultivam as respectivas tendências».

BLAY TRUMBULL

S Ô B R E O
J Ô G O

Perdoados te são os teus pecados

(Conclusão da página 3)

¡Como tudo isto é claro! Confissão — perdão. Se confessarmos os nossos pecados e os abandonarmos então temos a palavra de Deus, infalível, em como Êle nos perdoa e nos limpa «de tôda a injustiça».

¿Pensaremos que esta promessa não se refere a nós mas a qualquer pessoa melhor do que nós? A verdade é que não há justos na Terra. «Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus» (*Romanos, 3:23*). São pessoas como nós, que pecaram e ficaram destituídas da glória de Deus as que Êle aceita e limpa de todo o pecado.

Quando Deus nos perdoa, remove o nosso pecado de nós de sorte que não necessita condenar-nos depois que nos tornamos Seus filhos. «¿Quem, ó Deus, é semelhante a Ti que perdoas a iniquidade e que te esqueces da rebelião do restante da Tua herança? O Senhor não retém a Sua ira para sempre

porque tem prazer na benignidade. Tornará a apiedar-se de nós; subjugará as nossas iniquidades e lançará todos os nossos pecados nas profundezas do mar» (*Miqueias, 7:18 e 19*).

«Quanto está longe o oriente do ocidente assim afasta de nós as nossas transgressões. Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece daquêles que O temem» (*Salmos, 103:12-13*). Estas palavras deveriam levar a alma arrependida a reconhecer o facto que Deus removera os seus pecados para longe dela. Acreditar nas Suas promessas é prestar grande honra a Deus.

Quem prontamente aceita a Palavra de Deus com respeito ao pecado quando se converteu, pode mais tarde cair em pecado e pode sentir a condenação, como resultado. ¿Será porém razoável pensar que Deus perdoaria todos os pecados cometidos antes da conversão e reteria todos quantos fôssem cometidos depois da conversão? O sentimento de condenação pelo pecado não deve ser a experiência do

cristão a não ser quando conduzido ao arrependimento. «Portanto agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus que não andam segundo a carne mas segundo o espírito» (*Aos Rom., 8:1*). «Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo. Pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes e nos gloriamos na esperança da glória de Deus» (*Aos Romanos, 5:1,2*).

Se a perfeição na vida fôsse atingida com facilidade, por certo poderíamos todos ficar isentos de desânimos e do mêdo de insucesso. No entanto, uma vida perfeita nunca será atingida só porque a desejamos ou como resultado de um esforço fraco e sem oração. Nunca há maior batalha do que a que tem de dar tôda a pessoa convertida para viver uma vida limpa, santa e no espírito de oração. Vigilância, estudo diligente da Palavra, oração secreta e diária, contínua rendição, tudo isto é essencial para o Cristão andar com o Mestre.

SALMO I

EM VERSO

I

Ditosa da pessoa que andar fora
Dos vis conselhos maus de estulta gente;
Que em trilhos dessas tais não se demora,
E em bancos de má língua não se assenta.
Mas na lei do Senhor, que é seu intento,
Traz pôsto, dia e noite, o pensamento

II

Será igual à árvore que crescida
Fôr junto de água, que raiz lhe molhe,
Dando seu fruto na estação devida,
Sem nunca haver outono que a desfolhe.
Pois quanto a alma fizer, pura e sincera,
Co' ajuda do Senhor cresce e prospera.

III

Já não são assim os ímpios; semelhantes
Ao pó da Terra que dissipa o vento,
Na sombra eterna ficarão errantes;
Nunca entre os justos tomarão assento...
Pois Deus que os bons ampara com carinho,
Fulmina o pecador em seu caminho.

Coelho de Carvalho, *Os Salmos*

Lisboa, 1893

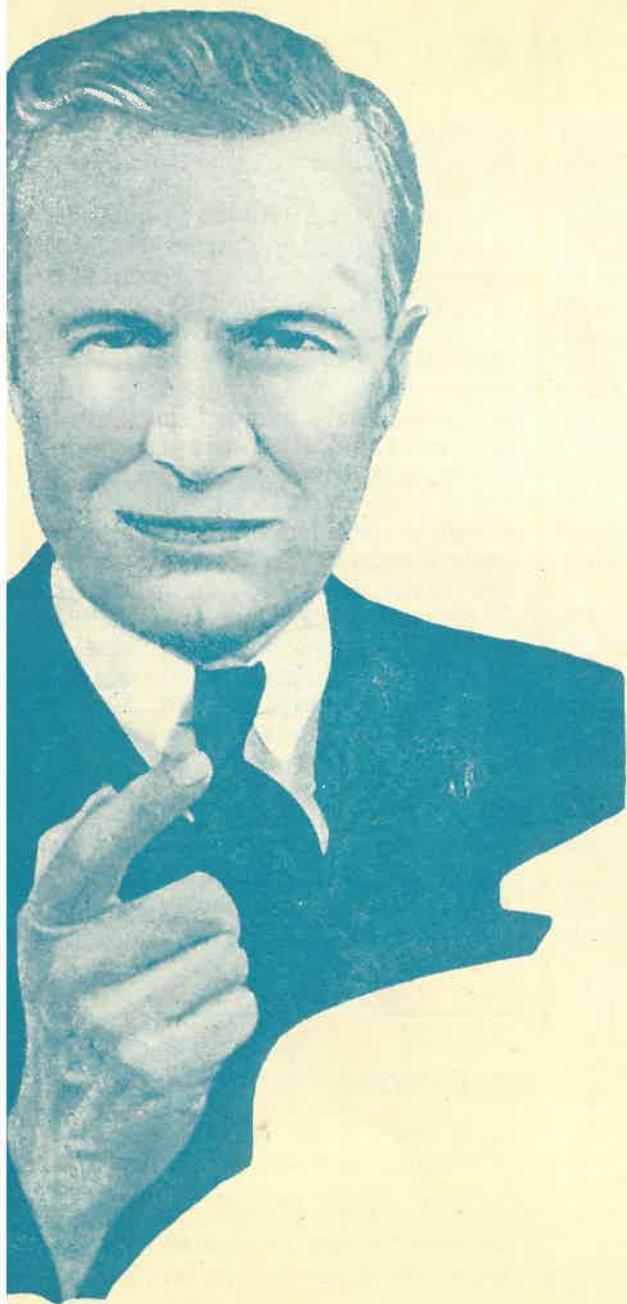
EM PROSA

«Bem-aventurado o varão que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes tem prazer na lei do Senhor e na Sua lei medita de dia e de noite.

Pois será como a árvore plantada junto a ribeiro de águas a qual dá o seu fruto na estação própria e cujas folhas não caem e tudo quanto fizer prosperará.

Não são assim os ímpios; mas são como a moínha que o vento espalha. Pelo que os ímpios não subsistirão no júzo nem os pecadores na congregação dos justos. Porque o Senhor conhece o caminho dos justos; mas o caminho dos ímpios perecerá».

Bíblia de J. F. Almeida



Qual é o teu



RABALHO?

pelo

Dr. A. W. TRUMAN

*Dê êste artigo a ler
aos vossos filhos ou
a qualquer jovem*

responsabilidade perante o perigo alheio. Assim aconteceu com Jonas: era o único Adventista a bordo e também o único que dormia enquanto o mar tempestuoso rugia e perigo iminente ameaçava a vida de todos. Não se esforçava com os marinheiros para salvar o barco. Dormia profundamente! Depois de acordado da sua sonolência e exortado por um capitão pagão a orar, deitaram-se à procura do res-

ponsável directo daquêle grave perigo, porque a todos era evidente não ser normal aquela tempestade. Não nos admiramos que, depois de ter caído a sorte sobre Jonas, a primeira pergunta que lhe fizeram fôsse: «Diz-nos qual a razão de ter caído sobre nós êste mal. ¿Qual é o teu trabalho?» Jonas respondeu: «Temo ao Senhor, Deus dos céus, que fez o mar e a terra sêca». (Parece-nos estar a ler o texto de Apocalipse, 14:7, que devemos proclamar ao mundo).

Quê? ¿! Temes ao Deus que fez o mar, estamos a ponto de ser engulidos nas suas vagas revôltas e negras e estavas a dormir profundamente?! ¿Porque não lhe pedes que nos salve? ¿Porque recusas o Seu apêlo para o Seu trabalho? «Porque assim tens feito?

¿Porque teria Jonas querido fugir

para Tarsis, lá ao longe, nas costas de Espanha? ¿Porque não escolheu Antióquia, Atenas ou Corinto? Talvez quisesse afastar-se do seu pôsto de dever tão longe quanto possível e também poderia ter sido pelo facto de querer, ao abandonar o trabalho de Deus, ir para um lugar onde fizesse com certeza a sua própria fortuna individual.

«Jonas, nós somos pesquisadores de ouro, andamos à procura de tesouros, vamos para o grande centro do comércio e minas, para as famosas minas de ouro e prata de Tarsis. ¿E qual é o teu trabalho?»

Lembremos que o Rei Salomão «tinha no mar um navio na carreira de Tarsis... Uma vez cada três anos vinha o navio de Tarsis e trazia ouro, prata, marfim, macacos e pavões» (1 Reis, 10:22, 23)...

O amor do ouro e dos tesouros leva muitos homens e mulheres ao abandono dos seus habituais trabalhos para se dedicarem à procura de mais elevados salários. É tentação freqüente até entre cristãos. Apresenta-se até diante dos nossos médicos e enfermeiras. Visita os empregados das nossas casas editoras. Não são raros os ministros necessários na execução do nosso trabalho missionário que abandonam os seus postos de dever e honra porque em colocações do mundo podem obter ordenados mais elevados. Sentem maiores preocupações pela sua prosperidade pessoal do que pela honra de Deus e prosperidade da Sua causa. São êstes graves problemas que devem dar que pensar aos cristãos.

Jonas arrependeu-se da sua atitude errada.

«Lançado estou diante dos Teus olhos; todavia tornarei a ver o templo da Tua santidade». «Quando

O profeta Jonas recebeu uma grande tarefa do Senhor — «levantar-se, ir a Ninive, aquela grande cidade e clamar contra ela». «Mas Jonas levantou-se e fugiu para Tarsis da presença do Senhor».

Quando alguém recusa o apêlo divino para qualquer serviço ou abandona o seu pôsto de dever na obra de Deus, ¿irá para cima ou para baixo? Vejamos qual a direcção que Jonas tomou: «desceu a Jopa», «desceu a um navio», «desceu aos flancos do navio», «desceu para o mar tempestuoso», «desceu às profundezas do mar no ventre do grande peixe», «desceu até aos fundamentos das montanhas».

Ao recusar a vocação ao serviço de Deus em vista do sacrifício que êle envolve, perde o sentimento do perigo pessoal, o sentimento da

desfalecia em mim a minha alma lembrei-me do Senhor; entrou em Ti a minha oração, no templo da Tua santidade». «Os que observam vãs vaidades deixam a sua própria misericórdia... O que votei, pagarei» (*Jonas*, 2:4, 7-9).

E o Senhor deu-lhe um segundo apêlo para o serviço que êle gostosamente aceitou.

«Vai trabalhar hoje na Minha Vinha»

Jesus disse «Ide» (*S. Mateus*, 28:19). E quem deve ir? Há dois imperativos na Bíblia de igual amplitude: «ide», «vinde».

«A cada alma que aceita Jesus, a cruz do Calvário diz: «Vê aqui o preço de uma alma. Ide ao mundo e prégai o Evangelho a cada criatura». Que a nada permitamos impedir êste trabalho. É o trabalho mais importante para esta época; deve ser de tanta extensão como a eternidade» (*Test.*, vol. V).

«O ensino do Evangelho ao mundo é o trabalho que Deus entregou aos que usam o seu nome... Tornar conhecida de toda a humanidade a mensagem da graça de Deus é o primeiro trabalho dos que conhe-

çam o seu poder curador» (*M. of H.*, pág. 141).

«Quem se tornar filho de Deus devia considerar-se como um elo na cadeia estendida do céu à Terra para salvar o mundo, um com Cristo no Seu plano de misericórdia, avançando com Êle na procura e salvamento dos perdidos» (*Idem*, pág. 105).

Se a cadeia do Evangelho tiver um anel a mais chegará mais longe. Poderá ela estender-se um anel mais profundamente no mar da miséria humana justamente porque eu estou a ela ligado?

«Cada verdadeiro discípulo nasceu no Reino de Deus como um missionário. Êle bebe das águas vivas para se tornar uma fonte de vida» (*Desejado dos Séculos*, pág. 195).

É perante êstes factos teremos de nos perguntar: ¿estaremos nós ocupados no nosso trabalho quotidiano porque julgamos que nêle podemos dar a nossa maior contribuição possível à obra de Deus no mundo ou porque o ordenado e lucro pessoais são a principal causa?

¿Que a realização da nossa quota-parte no grande plano salvador de Deus não seja esquecida nas nossas funções diárias nem na escolha da nossa profissão!

A Família

ALGUMAS
CONSIDERAÇÕES
INTERESSANTES

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 6)

cipais fontes da felicidade, as molas fundamentais de tôdas as acções e os guardas mais vigilantes contra o Mal. Um rapaz e uma rapariga lutam e trabalham a fim de economizar o suficiente para construírem o seu ninho; depois de casados lutam e economizam para poderem criar sem privações uma família. O supremo objectivo da luta dos homens honestos é a família. Poderíamos também dizer que a segurança e elevação das famílias têm de ser os primeiros alvos da civilização e o último fim de tôdas as indústrias e comércios.

«O resultado de observações durante gerações inteiras apresenta os seguintes factos quanto à felicidade da vida familiar:

1.º — As alegrias naturais e legítimas da vida doméstica dependem de saúde física e moral. Onde houver saúde de corpo, alma sã, bom gênio, poucas serão as probabilidades de vida doméstica infeliz—e quando houver felicidade no lar, bastará que haja uma côdea e trabalho para que mereça a pena viver.

2.º — Uma vez que exista a felicidade doméstica ela tende a aumentar no decorrer dos anos. A satisfação da vida matrimonial aumenta com os anos. Os filhos tornam-se cada vez mais interessantes à medida que crescem e o casal tem a oportunidade de gozar tôdas as mutações interessantes que os filhos apresentam desde a infância até à virilidade. De forma geral, nos lares onde reina a harmonia e felicidade, lá chegará o momento máximo da alegria: quando os pais têm de admirar nos filhos um carácter nobre.

3.º — A família com tôdas as suas afeições e alegrias são a base mais sólida para que os seres civilizados se façam uma idéia do amor de Deus—a vida familiar é a mais forte raiz da felicidade que vem de Deus porque pode ser uma convicção positiva e sempre presente».

Dr. C. W. Eliot, Reitor da Universidade de Havard.

HEROICIDADE CRISTÃ

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 5)

revólveres dependurados à cinta e abundantes munições prestes a serem empregadas.

«Logo depois de começar o combate, oito dos nossos homens caíram numa armadilha de mina que estava na linha-de-fogo. Quatro homens tiveram morte instantânea e outros quatro ficaram feridos, expostos ao fogo inimigo. Tudo isto aconteceu à vista dos médicos do batalhão. Os três médicos armados procuraram imediatamente lugar de abrigo seguro. Mas o Slim, embora desarmado, avançou para o buraco da armadilha. Sôzinho, fez quatro avançadas para o buraco e, um a um, trouxe com êle os nossos ho-

mens feridos para lugar de segurança. De cada vez que avançava para o buraco julgávamos que chegara a vez de êle morrer. As balas fervilhavam à sua volta. Mas nem arranhado foi! Por certo que Jesus o estava a auxiliar naquele perigo.

«Hoje o Slim ostenta ao peito a medalha por feito de bravura. Salvou quatro homens das garras da morte.

«Foi êste Slim o único médico adventista que eu conheci» concluiu o soldado de regresso do campo de batalha. «Se o vosso filho é médico adventista, por certo que deve ser um bom médico e gostaria de conhecê-lo».

Saúde e Lar

REVISTA DE MEDICINA POPULARIZÁVEL

VINTE PÁGINAS DE ARTIGOS
ASSINADOS POR MÉDICOS

ASSINATURA ANUAL (seis números) 15\$00
NÚMERO AVULSO 3\$00

UMA NOTÁVEL PROFECIA

Lê-se no APOCALIPSE

«Eu vi subir da terra outra fera e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro e falava como o dragão. E exerce todo o poder da primeira fera na sua presença e faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira fera cuja chaga mortal fôra curada. E faz grandes sinais de maneira que até fogo faz descer do céu à terra à vista dos homens. E engana os que habitam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da fera dizendo aos que habitam na terra que fizessem uma imagem à fera que recebera a ferida da espada e vivia. E foi-lhe concedido que desse espírito à imagem da fera para que também esta falasse e fizessem que fôsem mortos todos os que não adorassem a imagem da fera. E faz que todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja pôsto um sinal na sua mão direita ou nas suas testas, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquêlê que tiver o sinal ou o nome da bêtea ou o número do seu nome» (*Apoc.*, 13:11-18).

Diz um intérprete americano

Uriah Smith, no seu *Thoughts on Revelation*, livro escrito no último quartel do século passado, com mais de 60 anos de edição, explicava assim esta profecia:

Depois de apresentar os seus argumentos, conclui:

«Uma única conclusão se pode tirar dêstes argumentos e é que aquela fera com dois chifres deve ser localizada no hemisfério ocidental e simboliza os Estados-Unidos» (Cap. XIII, pág. 573).

E passa depois a interpretar os dados proféticos do seguinte modo:

1 — Maneira do seu nascimento: «subiu da terra» diz o texto apocalíptico. Interpreta agora o dito autor: «Esta expressão deve ser usada propositadamente para indicar o contraste entre o aparecimento dêste animal e o dos outros sim-

bolos proféticos nacionais. As quatro feras de Daniel, 7, e o leopardo do Apocalipse, 13, todos êles se ergueram do mar. Mas nenhuma outra nação foi destruída para dar lugar aos Estados-Unidos e a luta pela sua independência já se tinha passado havia 15 anos quando êste poder entrou no campo da profecia. O profeta só viu paz» (pág. 573). «Saíu da terra» significa pois «aparecimento pacífico».

2 — «Tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro» é interpretado do seguinte modo: «O Honrável J. A. Bingham dá-nos a chave de todo o segrêdo quando assevera que o objectivo daquêles que primeiro pisaram estas praias foi encontrar o que o mundo não tinha visto durante séculos: uma Igreja sem papa e um estado sem rei. Expresso noutras palavras, um govêrno em que o poder eclesiástico fôsse separado do poder civil e reinasse como soberana a liberdade civil e religiosa». «Êstes artigos (da Constituição Norte-Americana) dão a mais ampla garantia de liberdade civil e religiosa e inteira e perpétua separação entre a Igreja e o Estado e que melhores símbolos poderiam ser dados do que «os dois chifres do cordeiro?» (*Idem*, pág. 579).

3 — Os chifres não têm coroas, segundo o texto sagrado, donde vem a seguinte conclusão: «a ausência de coroas sugere um govêrno em que o poder não é conferido a nenhum membro governante mas está, por conseguinte, nas mãos do povo» (pág. 579).

4 — Êste poder tinha de ser Protestante é a conclusão tirada pelo autor devido às considerações seguintes: «O facto de que o povo dêste govêrno não presta adoração, (ao poder papal) até que o Govêrno o obrigue a isso, mostra que a religião por êle mantida não é a católica. E a consequência quasi inevitável é que se trata de um país protestante pois são estas (catolicismo e protestantismo) as duas religiões de qualquer consequência no Cristianismo» (pág. 580).

E agora aparece o pior e que nós apresentamos pelo simples facto de ter sido escrito por um americano. Não o fariamos se tivesse sido escrito por um português ou até por um europeu porque não quereríamos que alguém visse nas nossas transcrições nem uma sombra sequer de má-vontade ou de contentamento velhaco perante afirmações algo fortes à acção dos Estados-Unidos. Seja-nos lícito dizer, nesta época de lutas e ódios, que mantemos no nosso espírito (e aconselhamos os nossos leitores a manter) a nobre atitude de neutralidade absoluta do Govêrno que aprouve Deus dar à nossa Nação em tempos tão calamitosos. Pôsto isto continuemos que vale a pena:

5 — «Falava como o Dragão». «Isto, pois, como nos outros, significa um poder perseguidor e as razões por que qualquer dêles se encontra mencionado na profecia é simplesmente porque são poderes perseguidores. E se os Estados-Unidos é o poder indicado nesta profecia, por êste símbolo que fala como o dragão, segue-se que êste govêrno vai promulgar leis opressivas e injustas contra as práticas religiosas e a crença dos seus súbditos» (pág. 581).

6 — «Fizessem uma imagem da bêtea».

¿ Que é a imagem da bêtea ?

«O papismo foi uma igreja revestida de poder civil—um corpo eclesiástico com autoridade para punir todos os dissidentes com a confiscação de bens, prisões, tortura e morte. ¿ Que será então a imagem do papismo? Um poder eclesiástico revestido de semelhante actividade. ¿ Como poderá formar-se uma tal «imagem» nos Estados-Unidos? Dando ao Protestantismo o poder de definir e punir a heresia, reforçar os seus dogmas com as penas e cuminações das leis civis» (pág. 587).

«Conseqüentemente, em resposta à pergunta se qualquer coisa como uma «imagem» do poder papal pode ser indicada neste país, temos diante de nós uma gigantesca organização ecle-

SÔBRE OS ESTADOS-UNIDOS

siástica de Protestantes com poder bastante para inclinar o Governo em seu favor; organização de intolerantes quanto ao que diz respeito à guarda do domingo... que se propõe monopolizar o serviço religioso em cada milha quadrada do território americano» (pág. 594).

Que vemos nós?

O predomínio militar e naval dos Estados-Unidos bem vincado em todo o mundo.

O predomínio monetário dos Estados-Unidos cujas riquezas naturais e industriais dão o suficiente para emprestar e hipotecar até a Velha e Grande Inglaterra.

por A. DIAS GOMES

A tendência, bem anunciada nos jornais, de procurar o equilíbrio mundial numa sociedade de nações, com forte apoio militar e dirigida superiormente por um poder espiritual cristão.

As idéias são boas, por enquanto, e queira Deus que continuem sempre na mesma direcção. Mas não podemos deixar de pensar que, às vezes, o diabo também as arma e que de boas intenções está o inferno cheio, segundo diziam as nossas avós apegadas a essa doutrina discutível.

O futuro, nas palavras do intér-

prete americano U. Smith, não se nos apresenta muito sorridente, quanto à actuação dos Estados-Unidos no campo religioso e êle, que o afirmou no seu livro, lá sabia o meio em que viveu. É certo que também poderia ter errado ou exagerado a sua interpretação. Uma coisa fica assente: acertou quanto ao papel preponderante na vida internacional que estava reservado aos Estados-Unidos. Quanto ao resto, registemos e aguardemos. Se fôssemos cristãos norte-americanos procuraríamos convencer os nossos concidadãos de que aquela República se tornou grande pela liberdade de consciência esclarecida à luz nítida do Evangelho — «o Poder de Deus», como lhe chamou S. Paulo.

«A leitura da Bíblia é permitida aos católicos e até muito útil; contudo a tradução deve ser aprovada pelo Papa e ter explicações (Bento XIV, 13 de Junho de 1757).

«Tudo o que está escrito, está escrito para nossa instrução» (Rom., XV: 4). Na Bíblia aprende-se a **conhecer a Deus** exactamente; aí se vê a sua onnipotência (a narração da criação, de numerosos milagres), a sua sabedoria (o governo do género humano e a vocação de certos homens em particular) a sua bondade (a Incarnação e a Paixão do Filho de Deus), etc. Aí se encontram **os mais belos exemplos da virtude** (Abraão, José, Tobias, Job e sobretudo Cristo) e,

por conseqüência, aí se é poderosamente excitado à prática do bem. A Bíblia é, pois, como a trombeta que excita a coragem do soldado (S. Ephrem); e ela nos indica o caminho do céu como o farol no meio dos escolhos indica ao piloto a entrada do pôrto... Tudo o que o homem pode encontrar **noutra parte** de útil à sua salvação, encontra-o na Bíblia; e até ali encontra em abundância o que não encontra **em mais parte nenhuma** (S. Agostinho). Por **isso nunca se acaba de estudar a Escritura**; por mais que tornemos a lê-la, sempre descobrimos coisas novas porque muitas das suas passagens encerram um sentido múltiplo. Ela assemelha-se, no dizer de S. Ephrem, a um campo que nunca se pode acabar de ceifar e que por conseguinte nunca está vazio nem deserto e, segundo S. J. Crisóstomo a uma fonte sempre viva que mana tanto mais abundantemente quanto mais água se lhe tira.

É um pasto nutriente se saboreamos muitas vezes seremos nutridos e confortados (S. Ambrósio). Aquê, porém, que quer ler e compreende a Bíblia **deve ter em si** o Espírito que inspirava seus autores senão, não penetrará o sentido das palavras (S. Bem.). É o Espírito Santo que lhe deve abrir a inteligência (Luc., 24: 45).

O Católico e a leitura da BÍBLIA

*Catecismo Popular de Spirago, traduzido pelo
Dr. Conceição Santos, Bispo da Guarda, vol. I, p. 38*

Cooperação completa

no lar
na escola
na comunidade

pela Dr.ª GREBA LOGAN

«Na escola não têm tempo para me atender», ou «Em casa os filhos já me dão bastante que fazer, não me sobra tempo para ir visitá-los à escola», são duas frases que se ouvem freqüentemente. Estas idéias são realmente tradicionais e foram provavelmente originadas no facto de que «em tempos» um pai visitava a escola sòmente quando o filho estava em qualquer complicação, e sempre ficava envergonhado da necessidade dessa conferência com o professor. Mas os tempos mudaram, e felizmente as circunstâncias e atitudes mudaram com êles. O lar, a escola e a comunidade são hoje considerados como um todo, e nenhum convite especial é necessário de um para o outro para levá-los a participar das suas múltiplas responsabilidades.

As vossas relações com os outros na vossa comunidade são mais importantes, e quando activadas podem ajudar na construção de situação mais higiênica, que irá longe no auxílio em desenvolver crianças normais numa comunidade interessada.

A saúde dos vossos filhos é importantíssima, porque, sem ela, tudo

o mais pode ser perdido. A vossa cooperação com as autoridades sanitárias e com o programa de educação física da escola fará muito para encorajar os vossos filhos nos hábitos de vida sã. O esforço consciente e coordenado do lar e da escola unificará o pensamento da criança, e construirá uma verdadeira ponte sôbre o fôssco que tantas vezes existe entre essas duas instituições. Atitudes higiênicas e alegria de viver, são o que se pode esperar de um programa de cooperação.

A maior parte das crianças precisam que os seus pais visitem a escola de modo a poderem mostrar-lhes o que estão fazendo. É o seu trabalho diário e um pedaço de trabalho bem feito que, embora pareça pequeno e insignificante aos olhos dos adultos, é a posse de um verdadeiro prémio; e a alegria do seu cumprimento manifestada pela simpatia de um pai torna o mundo mais agradável para a criança. Edificar atitudes mentais saudáveis num corpo são, leva tempo, esforço e compreensão; mas vale bem a energia que nisso se dispõe. As vossas relações e a importância

que têm, não podem ser exageradas.

Como professor, podeis dizer: «¿ Como posso eu tornar os pais interessados em visitar a escola e relacionar-se comigo? » Ou, como pai, direis talvez: « Na primeira ocasião que tiver para visitar a escola, não ficarei em casa pelo facto de não conhecer o professor ou por ser um pouco tímido quanto a visitar escolas ».

Para ambos, o seguinte exemplo, apresentado por dois professores, pode servir como ponto de partida para construir uma melhor relação entre o lar, a escola e a comunidade. Neste caso particular, por intermédio da Cruz Vermelha Infantil, a saúde das crianças foi considerada de capital importância durante um estudo sôbre as crianças de vários países, com ênfase particular na Suíça. Todos nessa escola e comunidade responderam ao apêlo feito, e como resultado, felizes e saudáveis experiências foram alcançadas; os pais conhecem a sua escola; os professores conhecem os pais; e os filhos colhem o fruto da compreensão mútua entre pais e professores. Experimentai na vossa escola.

REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da
União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

••

Cont. e Ilhas Colónias

Número avulso. 2\$50 3\$00
Assinatura anual 12\$50 15\$00

Redacção e Administração
Rua Joaquim Bonifácio, 17

••

Composição e impressão:
Tip. Gomes & Rodrigues
32, Rua das Picoas, 34—LISBOA

DIRECTOR: A. DIAS GOMES /// REDACTOR: ERNESTO FERREIRA /// EDITOR: A. F. RAPOSO